

Paulo enviado para a Itália

[Estudo 46 – Atos 27]

Durante dois anos Paulo permaneceu preso em Cesaréia, tendo sido acusado pelo Sinédrio de contaminar o templo (At 21.28). Embora fosse inocente, Paulo não conseguiu receber a justiça dos governadores romanos Félix e Festo, então ele apelou para César (At 25.11), o que significava que ele tinha que ir para Roma para ser julgado.

Assim, depois de vários julgamentos e audiências, Lucas, finalmente, relata com muito detalhe a viagem marítima de Paulo da Palestina para a Itália.¹⁰⁹⁸ Na verdade, Atos 27 é uma espécie de diário de bordo, onde Lucas descreve detalhadamente o que eles enfrentaram durante a viagem. Como declarou James Boice, Atos 27 é um capítulo “surpreendentemente preciso”.¹⁰⁹⁹

Era vontade de Deus que o apóstolo ministrasse o Evangelho em Roma. Deus havia declarado que Paulo testemunharia em Roma (At 23.11), deste modo, o principal propósito de Lucas em Atos 27 é mostrar que os planos de Deus não podem ser frustrados.

I. A primeira fase: a viagem de Cesaréia a Sidom

“Quando foi decidido que navegássemos para a Itália, entregaram Paulo e alguns outros presos a um centurião chamado Júlio, da Coorte Imperial” (At 27.1).

Algum tempo depois da audiência com o rei Agripa e o governador Festo, Paulo foi enviado a Roma juntamente com outros presos, sob a custódia de um centurião chamado Júlio, da Coorte Imperial.

Observe que o longo de todo o capítulo 27 e no seguinte, Lucas escreve na primeira pessoa do plural para indicar que ele acompanhara Paulo de Cesaréia a Roma.¹¹⁰⁰ Lucas retoma o pronome “nós” na narrativa, que havia utilizado pela última vez quando Paulo e a delegação reuniram-se com Tiago em Jerusalém (At 21.18). Não temos qualquer informação sobre a localização de Lucas desde Atos 21.18, mas frequentemente se supõe que ele tenha permanecido na Palestina, e até que tenha empregado seu tempo na busca de informações para a composição do seu Evangelho e das partes anteriores de Atos.¹¹⁰¹ Esta é a última das quatro seções do livro onde ele indica sua presença pelo uso do pronome “nós”. A primeira foi em Atos 16, a segundo em Atos 20, a terceira em Atos 21 e, finalmente, em Atos 27 até o final do livro.

¹⁰⁹⁸ I. Howard Marshall. *Atos, introdução e comentário*. São Paulo: Editora Vida Nova, 1982, p. 373.

¹⁰⁹⁹ Boice, J. M. (1997). *Acts: an expositional commentary* (p. 410). Grand Rapids, MI: Baker Books.

¹¹⁰⁰ KISTEMAKER, Simon. *Atos, volume 2*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 555.

¹¹⁰¹ I. Howard Marshall. *Atos, introdução e comentário*. São Paulo: Editora Vida Nova, 1982, p. 374.

Em apoio ao relato preciso de Lucas, os comentaristas muitas vezes se referem ao estudo clássico da viagem de Paulo por James Smith (1782-1867). Smith era um velejador experiente e um erudito. Smith estudou cuidadosamente a geografia, as condições climáticas e as práticas de navegação da época de Paulo. Com 30 anos de experiência, ele passou o inverno de 1844 em Malta. De lá, ele investigou as condições de navegação nas áreas mencionadas no relato de Lucas.

Em 1848, Smith publicou seu livro *The Voyage and Shipwreck of St. Paul* (A viagem e naufrágio de São Paulo). Smith concluiu que a viagem foi um relato verdadeiro escrito por uma testemunha ocular. O próprio Smith disse de descrição de Lucas da viagem: “Nenhum homem e nenhum marinheiro poderia ter escrito uma narrativa de forma tão consistente em todas as suas partes, a não que fosse um testemunha ocular”.¹¹⁰² As palavras de Lucas são precisas em termos da rota do navio, as antigas habilidades de navegação, os detalhes do navio e a maneira pela qual os marinheiros tentaram lidar com a tempestade.¹¹⁰³

“... Entregaram Paulo e alguns outros presos a um centurião chamado Júlio, da Coorte Imperial” (At 27.1).

Paulo foi entregue aos cuidados de um centurião chamado Júlio, da Coorte Imperial. Como centurião, Júlio tinha cem homens sob seu comando. Os romanos sabiam escolher centuriões. É interessante que toda vez que um centurião romano é mencionado na Bíblia, encontramos um homem de integridade, um homem respeitável, inteligente e virtuoso.¹¹⁰⁴ Encontramos centuriões em Mateus 8 e Lucas 7, Marcos 15, Atos 10, Atos 22, e Atos 24, e todos eles foram homens cheios de decência e honra. Júlio não é nenhuma exceção à regra. É possível que Júlio fosse um integrante da guarda pessoal de Nero enviado em missão especial a Cesaréia e estivesse agora voltando a Roma.¹¹⁰⁵

Paulo não era o único prisioneiro que o centurião Júlio estava conduzindo a Roma, pois havia “outros presos”. A palavra grega significa “outros de um tipo diferente” e pode sugerir que, ao contrário de Paulo, os “outros presos” estavam indo para Roma para morrer e não para ser julgado.¹¹⁰⁶

“Embarcando num navio adramitino, que estava de partida para costear a Ásia, fizemo-nos ao mar, indo conosco Aristarco, macedônio de Tessalônica” (At 27.2).

O centurião encontrou um navio costeiro de Adramito, próximo de Trôade, provavelmente voltando para casa, carregando tanto carga como passageiros. Em

¹¹⁰² James Smith, *The Voyage and Shipwreck of St. Paul* (1848; 4th ed. revised by Walter E. Smith; London: Longmans, Green & Co., 1880), cited in Stott, *The Message of Acts*, 386.

¹¹⁰³ Boice, J. M. (1997). *Acts: an expositional commentary* (p. 410). Grand Rapids, MI: Baker Books.

¹¹⁰⁴ MACARTHUR, Jonh. *O livro sobre liderança*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2009, p. 19.

¹¹⁰⁵ KISTEMAKER, Simon. *Atos, volume 2*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 557.

¹¹⁰⁶ Wiersbe, W. W. (1996). *The Bible exposition commentary* (Vol. 1, p. 508). Wheaton, IL: Victor Books.

seguida, quase como uma reflexão tardia, o terceiro passageiro cristão é mencionado, Aristarco de Tessalônica (At 27.2).

Paulo não teve que enfrentar a viagem difícil para Roma sozinho. Ele estava acompanhado por Lucas, o médico amado e por Aristarco, macedônio de Tessalônica. Aristarco é mencionado em Atos 19, onde foi arrastado para o teatro de Éfeso (At 19.29) e depois acompanhou Paulo a Jerusalém, juntamente com outros representantes das igrejas missionárias (At 20.4). Mais tarde, ele é mencionado em Filemom 24 e em Colossenses 4.10, onde é chamado por Paulo de “companheiro de prisão”.¹¹⁰⁷ Isto é, Aristarco viajou com Paulo o tempo todo até chegar a Roma. É provável que ele tenha se oferecido voluntariamente para ficar com Paulo e compartilhar de sua prisão.¹¹⁰⁸ Ramsay argumenta que a bordo do navio, tanto Aristarco quanto Lucas estão viajando como se fossem escravos de Paulo.¹¹⁰⁹ Dificilmente os amigos de um prisioneiro eram autorizados a acompanhá-lo. Deste modo, a única maneira pela qual Lucas e Aristarco teriam tido permissão para acompanhar Paulo nesta viagem foi viajar como escravos de Paulo.

Isso estabelece a cena. Havia muitas pessoas com autoridade naquele navio. O navio possuía um capitão e marinheiros. Supervisionando a custódia de Paulo, estava o centurião Júlio e os soldados (At 27.31-32). Havia muitos líderes, mas Paulo era simplesmente um prisioneiro.¹¹¹⁰

“No dia seguinte, chegamos a Sidom, e Júlio, tratando Paulo com humanidade, permitiu-lhe ir ver os amigos e obter assistência” (At 27.3).

A primeira parada do navio foi em Sidom, um porto fenício antigo cerca de 129 quilômetros de Cesaréia. Sem dúvida, algum tempo foi necessário para carga ou descarga. Entretanto, o centurião Júlio permitiu que Paulo visitasse os amigos em Sidom para “obter assistência”. Lucas diz que Júlio agiu gentilmente. Júlio permitiu que Paulo desembarcasse e visitasse seus amigos cristãos.

“... Permitiu-lhe ir ver os amigos e obter assistência” (At 27.3).

Lucas não diz exatamente o tipo de ajuda que a igreja em Sidom forneceu a Paulo. Porém, conforme John MacArthur, a expressão traduzida como “obter assistência” é um termo médico. Indica que Paulo provavelmente estava sofrendo com algum tipo de enfermidade. Então, Júlio permitiu que Paulo desembarcasse para receber cuidados de amigos. Eles atenderam as suas necessidades físicas, e Paulo sem dúvida alguma atendeu às necessidades espirituais deles.¹¹¹¹

A decisão do centurião Júlio foi algo incomum. Permitir que um prisioneiro político como o apóstolo Paulo obtivesse liberdade temporária para cuidar de sua

¹¹⁰⁷ Faw, C. E. (1993). *Acts* (p. 282). Scottdale, PA: Herald Press.

¹¹⁰⁸ KISTEMAKER, Simon. *Atos, volume 2*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 558.

¹¹⁰⁹ Ramsay, W. M. (1907). *St. Paul the traveller and the Roman citizen* (p. 316). London: Hodder & Stoughton.

¹¹¹⁰ MACARTHUR, Jonh. *O livro sobre liderança*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2009, p. 20.

¹¹¹¹ MACARTHUR, Jonh. *O livro sobre liderança*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2009, p. 20.

saúde foi algo completamente inusitado. Se um soldado romano perdesse um prisioneiro, ele teria que pagar com a própria vida (Lc 27.42,43). Mas, Júlio concedeu permissão a Paulo para visitar os amigos em Sidom e receber cuidado deles. O centurião de alguma forma percebeu que Paulo era confiável. Júlio, de alguma forma, estava convencido de que Paulo não faria nada para prejudicá-lo.

II. Segunda fase: a viagem de Sidom a Mirra

“Partindo dali, navegamos sob a proteção de Chipre, por serem contrários os ventos; e, tendo atravessado o mar ao longo da Cilícia e Panfília, chegamos a Mirra, na Lícia” (At 27.4–5).

De Sidom o navio continuou para o norte ao longo da costa fenícia e, em virtude dos fortes ventos contrários, atravessou o mar ao longo da Cilícia e Panfília, até chegar a Mirra, na Lícia (At 27.4,5). Mirra é uma cidade portuária, na hodierna Turquia. A viagem tornou-se difícil e lenta por causa dos ventos fortes. Os ventos vinham do oeste, conseqüentemente eles navegavam para o leste de Chipre, tentando evitar tanto quanto possível os ventos fortes.¹¹¹²

O porto de Mirra recebia, principalmente, navios do Egito. O Egito era a fonte principal de grãos para o império romano.

“Achando ali o centurião um navio de Alexandria, que estava de partida para a Itália, nele nos fez embarcar” (At 27.6).

Em Mirra, o centurião Júlio encontrou um navio alexandrino que estava de viagem para Roma, e todos embarcaram no navio de Alexandria. Lucas não menciona que tipo de navio era, mas ele disse que continha uma carga de trigo (At 27.38). O Egito era, nessa época, o maior celeiro de grãos do Império.¹¹¹³ Durante séculos, esses navios transportavam trigo e outros grãos para Roma.¹¹¹⁴ Assim, não foi muito difícil para o centurião encontrar um navio de Alexandria.

Os navios traziam grãos do Egito para os silos de Mirra, descarregavam e retornavam para o Egito. Outros navios carregavam os grãos para a capital imperial. Além da carga, o navio também carregava 276 pessoas: marinheiros, prisioneiros, soldados e passageiros regulares (At 27.37).

¹¹¹² MACARTHUR, Jonh. *O livro sobre liderança*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2009, p. 26.

¹¹¹³ Stott, J. R. W. (1994). *The message of Acts: the Spirit, the church & the world* (p. 387–388). Leicester, England; Downers Grove, IL: InterVarsity Press.

¹¹¹⁴ Ramsay, W. M. (1907). *St. Paul the traveller and the Roman citizen* (p. 319). London: Hodder & Stoughton.

III. Terceira fase: a viagem de Mirra a Bons Portos

“Navegando vagorosamente muitos dias e tendo chegado com dificuldade defronte de Cnido, não nos sendo permitido prosseguir, por causa do vento contrário, navegamos sob a proteção de Creta, na altura de Salmona” (At 27.7).

Depois que o navio deixou Mirra, lotado de carga, grãos e pessoas, partiu na direção oeste. No entanto, devido aos ventos fortes de oeste e noroeste, o navio fazia pouco progresso.¹¹¹⁵ Depois de muitos dias o navio chegou a Cnido. Nesse momento, eles não tiveram outra escolha a não ser navegar ao sul, para a ilha de Creta. O plano era viajar ao longo da costa sul de Creta, onde eles estariam um protegidos dos ventos e encontrar um porto seguro ali.¹¹¹⁶

“Costeando-a, penosamente, chegamos a um lugar chamado Bons Portos, perto do qual estava a cidade de Laseia” (At 27.8).

Depois de muitos dias e muito esforço, o navio chegou a Bons Portos, na costa sul de Creta. Tornou-se claro para todos a bordo que não poderiam chegar na Itália antes do inverno. O nome Bons Portos é um exagero. Na verdade, “Bons Portos” era um porto pequeno, consistindo em uma baía aberta, abrigado apenas por duas ilhas pequenas. A tripulação reconheceu que não era um porto próprio para invemar (At 27.12). A cidade vizinha, Laseia, era pequena; assim, pode ser que provisões e acomodações fossem escassas. Porém, talvez mais importante, o capitão do navio estaria ansioso para chegar a Roma e vender sua carga.¹¹¹⁷ Além disso, os ventos que sopravam na baía aberta durante o inverno tornavam o lugar perigoso para os navios ancorar. A tripulação sabia que havia um porto mais agradável ao longo da costa, chamado Fenice.

A. A admoestação de Paulo

“Depois de muito tempo, tendo-se tornado a navegação perigosa, e já passado o tempo do Dia do Jejum...” (At 27.9).

Nos tempos antigos, era contraindicado navegar em alto-mar após 15 de setembro e impossível após o dia 11 de novembro. Seria prudente passar o inverno em algum porto da região. O “Dia do Jejum” é uma referência ao Dia da Expição judaica (Yom Kippur), que caiu no dia 10 do mês lunar Tishri (no calendário hebraico, sendo isso próximo ao início de outubro).¹¹¹⁸ Cruzar o mar aberto nesta época do ano era um plano muito perigoso.

¹¹¹⁵ KISTEMAKER, Simon. *Atos, volume 2*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 562.

¹¹¹⁶ MACARTHUR, Jonh. *O livro sobre liderança*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2009, p. 27.

¹¹¹⁷ MACARTHUR, Jonh. *O livro sobre liderança*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2009, p. 27.

¹¹¹⁸ Wiersbe, W. W. (1996). *The Bible exposition commentary* (Vol. 1, p. 508). Wheaton, IL: Victor Books.

“... Admoestava-os Paulo, dizendo-lhes: Senhores, vejo que a viagem vai ser trabalhosa, com dano e muito prejuízo, não só da carga e do navio, mas também da nossa vida” (At 27.10).

Neste ponto, Paulo, um viajante experiente, que havia passado por três naufrágios (2Co 11.23-25) faz a sua primeira exortação: *“... Senhores, vejo que a viagem vai ser trabalhosa” (At 27.10)*. Paulo admoestou-os a permanecer em Bons Portos. Mas, quem era Paulo para aconselhar a tripulação do navio de Alexandria? Naquele momento, ele era apenas um prisioneiro! Lucas declara que o centurião “não deu crédito” à advertência de Paulo (At 27.11). O piloto (“capitão”) e o proprietário do navio, juntamente com o centurião, discutiram a situação. Depois de pesar as suas opções, eles decidiram não invernar em Bons Portos.

B. A rejeição da advertência de Paulo

“Não sendo o porto próprio para invernar, a maioria deles era de opinião que partissem dali, para ver se podiam chegar a Fenice e aí passar o inverno, visto ser um porto de Creta, o qual olhava para o nordeste e para o sudeste” (At 27.12).

A maioria estava a favor de tentar alcançar um porto mais favorável. O proprietário do navio, bem como o capitão, estavam decididos a prosseguir com a viagem até o porto de Fenice. O objetivo era invernar em um porto maior e mais seguro, cerca de 65 quilômetros a oeste (At 27.12). Fenice tinha um ancoradouro semicircular com aberturas no sudoeste e noroeste, e era mais protegido contra os ventos severos do inverno. Todos concordaram que esta era a melhor decisão. Talvez pudessem pelo menos chegar até ali, e então decidir passar o inverno ou se mudar.¹¹¹⁹ Porém, a maioria nem sempre está com a razão.

“Soprando brandamente o vento sul, e pensando eles ter alcançado o que desejavam, levantaram âncora e foram costeando mais de perto a ilha de Creta” (At 27.13).

Assim que a tempestade diminuiu, um vento sul gentil começou a soprar (At 27.13). Isto era o que todos estavam esperando, e a tripulação às pressas içou a âncora e começou a velejar ao longo da costa sul de Creta. Com esse vento, a tripulação tinha boas perspectivas de chegar ao seu destino em poucas horas. Neste momento, a sabedoria humana prevaleceu.¹¹²⁰

¹¹¹⁹ MACARTHUR, Jonh. *O livro sobre liderança*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2009, p. 35.

¹¹²⁰ Faw, C. E. (1993). *Acts* (p. 284). Scottsdale, PA: Herald Press.

IV. Quarta fase: a viagem de Bons Portos a Malta

“Entretanto, não muito depois, desencadeou-se, do lado da ilha, um tufão de vento, chamado Euroaquilão; e, sendo o navio arrastado com violência, sem poder resistir ao vento, cessamos a manobra e nos fomos deixando levar” (At 27.14–15).

O dia parecia agradável quando eles partiram para o mar, velejando próximo à costa sul de Creta. Porém, não muito depois, desencadeou-se, do lado da ilha, uma grande tempestade.

A. A tempestade

O navio nunca chegou a Fenice. Sem aviso, o vento mudou novamente. Lucas diz que um tufão chamado Euroaquilão arrastou o navio com violência. O navio estava indefeso nas águas abertas. “Euraquilo” parece ser uma formação híbrida do Grego *Euros*, o vento leste, e o Latim *Aquilo*, o vento norte; é possível, portanto, que fosse um termo dos marinheiros para o vento nordeste.¹¹²¹ A tripulação teve de deixar o navio ir à deriva, pois era impossível manobrá-lo, e o vento levou-os mais de 36 quilômetros para o sul, para a ilha de Cauda.¹¹²²

“Passando sob a proteção de uma ilhota chamada Cauda, a custo conseguimos recolher o bote; e, levantando este, usaram de todos os meios para cingir o navio, e, temendo que dessem na Sirte, arriaram os aparelhos, e foram ao léu” (At 27.16–17).

Em seguida, a tripulação lutou para recolher o barco salva-vidas do navio com medo de perdê-lo. Além disso, a tripulação amarrou o casco do navio com cordas grossas (v. 17). Eles queriam passar cordas por debaixo e em volta do navio para firmá-lo e reforçá-lo.¹¹²³ Para ajudar a impedir que o navio fosse arrastado para os bancos de areia que ficam perto do litoral (Sirte), a tripulação lançou a âncora no mar e deixaram que o navio fosse levado pelo vento. Este foi apenas o primeiro dia da tempestade.

¹¹²¹ I. Howard Marshall. *Atos, introdução e comentário*. São Paulo: Editora Vida Nova, 1982, p. 379.

¹¹²² Wiersbe, W. W. (1996). *The Bible exposition commentary* (Vol. 1, p. 508–509). Wheaton, IL: Victor Books.

¹¹²³ KISTEMAKER, Simon. *Atos, volume 2*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 571.

“Açoitados severamente pela tormenta, no dia seguinte, já aliviavam o navio. E, ao terceiro dia, nós mesmos, com as próprias mãos, lançamos ao mar a armação do navio” (At 27.18–19).

No segundo dia, ainda em meio à tempestade violenta, a tripulação começou a jogar parte da carga ao mar. O precioso grão foi despejado nas águas turbulentas, que lembra a tempestade no livro de Jonas (Jn 1.4-5). Tudo o que Paulo os havia advertido estava acontecendo agora. No terceiro dia, as ondas estavam varrendo o convés do navio e a vida a bordo estava se tornando cada vez mais precária. A tripulação não teve outra saída a não ser lançar parte do equipamento ao mar (v. 19).

“E, não aparecendo, havia já alguns dias, nem sol nem estrelas, caindo sobre nós grande tempestade, dissipou-se, afinal, toda a esperança de salvamento” (At 27.20).

A partir do quarto dia até o décimo quarto, Lucas não registra mais a passagem do tempo (cf. At 27.27). Foi um esforço contínuo para se manter vivo em meio a tempestade. A situação do navio parecia sombria. A tempestade encobriu o sol durante o dia e estrelas à noite. Não havia nenhuma maneira de contar o tempo.¹¹²⁴ Uma vez que estes eram os dois instrumentos de navegação da época, a tripulação não podia calcular o paradeiro do navio ou traçar o seu curso. O navio estava à deriva e a tripulação foi incapaz de verificar se eles estavam indo para a terra, rochas e bancos de areia. Não admira que Lucas escreveu: *“... Afinal, toda a esperança de salvamento” (At 27.20)*. A situação parecia sem esperança, e tudo aconteceu porque um homem não quis ouvir o mensageiro de Deus.¹¹²⁵ Toda a viagem estava caminhando para um grande desastre. Mas, por trás das cenas, Deus estava claramente no controle.¹¹²⁶

B. A segunda intervenção de Paulo

“Havendo todos estado muito tempo sem comer, Paulo, pondo-se em pé no meio deles, disse: Senhores, na verdade, era preciso terem-me atendido e não partir de Creta, para evitar este dano e perda” (At 27.21).

Paulo intervém na história pela segunda vez. Ele se levantou e, com efeito, disse à tripulação, “eu avisei”. Ele insistiu que eles poderiam ter poupado o dano ao navio e a perda dos equipamentos e da carga, bem como a ameaça de morte no mar. Mas ele também os encorajou: *“... Nenhuma vida se perderá de entre vós, mas somente o navio” (v. 22)*. Paulo estava confiante porque havia recebido outra visão de Deus.

¹¹²⁴ Faw, C. E. (1993). *Acts* (p. 285). Scottsdale, PA: Herald Press.

¹¹²⁵ Wiersbe, W. W. (1996). *The Bible exposition commentary* (Vol. 1, p. 509). Wheaton, IL: Victor Books.

¹¹²⁶ MACARTHUR, Jonh. *O livro sobre liderança*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2009, p. 36.

“Mas, já agora, vos aconselho bom ânimo, porque nenhuma vida se perderá de entre vós, mas somente o navio. Porque, esta mesma noite, um anjo de Deus, de quem eu sou e a quem sirvo, esteve comigo, dizendo: Paulo, não temas! É preciso que compareças perante César, e eis que Deus, por sua graça, te deu todos quantos navegam contigo” (At 27.22–24).

Como declarou Joseph Parker, “Paulo começou como prisioneiro, mas terminou como capitão”. Paulo assumiu o controle da situação quando ninguém mais sabia o que fazer.¹¹²⁷ A mensagem angelical foi uma confirmação da revelação de que Paulo chegaria a Roma. Embora ele tivesse avisado que o navio, a carga e as vidas seriam perdidos (v. 10), agora Paulo podia assegurar aos homens que a vida deles seria poupada, mas não o navio.¹¹²⁸

“Portanto, senhores, tende bom ânimo! Pois eu confio em Deus que sucederá do modo por que me foi dito. Porém é necessário que vamos dar a uma ilha” (At 27.25–26).

Em meio ao grande desespero, Paulo encorajou a todos, dizendo: “Tende bom ânimo” (27.22,25). Mesmo como um prisioneiro Paulo não hesitou em testemunhar de sua fé em Deus. Deus, em Sua graça havia decidido não apenas preservar a vida de Paulo para que ele pudesse terminar sua missão em Roma, mas também preservar todos aqueles que viajavam com ele.¹¹²⁹ No entanto, Paulo revela que o navio encalhará em alguma ilha. Paulo, então, declarou que o meio de preservação seria através da providência ordinária de Deus: um naufrágio em uma ilha (At 27.26).

IV. O naufrágio

“Quando chegou a décima quarta noite, sendo nós batidos de um lado para outro no mar Adriático, por volta da meia-noite, pressentiram os marinheiros que se aproximavam de alguma terra” (At 27.27).

Depois de duas semanas, na décima quarta noite, no mar Adriático, os marinheiros pressentiram que estivessem entrado em águas mais rasas. Segundo James Smith, a distância entre as ilhas de Malta e Cauda é de cerca de 880 quilômetros. Ou seja, o navio havia sido desviado de seu curso em mais de 800 quilômetros e se encontrava à deriva no mar Adriático (chamado hoje de mar Jônio, que não é o mesmo que o atual mar Adriático).¹¹³⁰ Os marinheiros

¹¹²⁷ Wiersbe, W. W. (1996). *The Bible exposition commentary* (Vol. 1, p. 509). Wheaton, IL: Victor Books.

¹¹²⁸ KISTEMAKER, Simon. *Atos, volume 2*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 577.

¹¹²⁹ Trites, A. A., William J. Larkin. (2006). *Cornerstone biblical commentary, Vol 12: The Gospel of Luke and Acts* (p. 637–638). Carol Stream, IL: Tyndale House Publishers.

¹¹³⁰ Wiersbe, W. W. (1996). *The Bible exposition commentary* (Vol. 1, p. 509). Wheaton, IL: Victor Books.

reconheciam que a terra se aproximava, possivelmente pelo estrondo dos vagalhões.¹¹³¹

“E, lançando o prumo, acharam vinte braças; passando um pouco mais adiante, tornando a lançar o prumo, acharam quinze braças” (At 27.28).

Na escuridão da noite, por volta da meia-noite, mesmo não vendo a terra, eles não se atreveram a esperar. Apressadamente, eles lançaram o prumo. Os marinheiros jogaram a sonda e mediram a profundidade do mar. A tripulação descobriu que a água ficava mais rasa (uma variação de 40 metros para 30 metros), indicando a proximidade da terra.¹¹³² Os marinheiros não tinham idéia de onde estavam.

“E, receosos de que fôssemos atirados contra lugares rochosos, lançaram da popa quatro âncoras e oravam para que rompesse o dia” (At 27.29).

Temendo que o navio se chocasse com as rochas, a tripulação decidiu os marinheiros tentaram evitar que o navio se chocasse contra as rochas. Em seguida, eles lançaram quatro âncoras da popa do navio e assim evitaram que ele virasse totalmente. Essas quatro âncoras, duas de cada lado do navio, seguraram o navio no lugar enquanto a tripulação esperava e orava com ansiedade pelo romper do dia.¹¹³³ Mas nem tudo estava bem. Um ruído foi ouvido em direção à proa do navio, e Paulo ao mesmo tempo suspeitou o que estava acontecendo no escuro.

“Procurando os marinheiros fugir do navio, e, tendo arriado o bote no mar, a pretexto de que estavam para largar âncoras da proa, disse Paulo ao centurião e aos soldados: Se estes não permanecerem a bordo, vós não podereis salvar-vos” (At 27.30-31).

Os marinheiros, em pânico, tentaram fugir do navio. Assim, o apóstolo intervém novamente, desta vez com mais insistência do que nunca. *“Se estes não permanecerem a bordo, vós não podereis salvar-vos” (At 27.30-31).* Desta vez, o centurião atendeu ao conselho de Paulo e ordenou que as cordas que seguravam o bote salva-vidas fossem cortadas e o barco lançado no mar (At 27.32). Note que o centurião não apostou sua sobrevivência em um barco que poderia levá-lo para terra, mas em um homem acorrentado que não poderia carregar ninguém para fora da água.¹¹³⁴

¹¹³¹ I. Howard Marshall. *Atos, introdução e comentário*. São Paulo: Editora Vida Nova, 1982, p. 382.

¹¹³² Wiersbe, W. W. (1996). *The Bible exposition commentary* (Vol. 1, p. 509). Wheaton, IL: Victor Books.

¹¹³³ KISTEMAKER, Simon. *Atos, volume 2*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 581.

¹¹³⁴ MACARTHUR, Jonh. *O livro sobre liderança*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2009, p. 50.

“Enquanto amanhecia, Paulo rogava a todos que se alimentassem, dizendo: Hoje, é o décimo quarto dia em que, esperando, estais sem comer, nada tendo provado” (At 27.33).

Enquanto a tempestade diminuía e o navio permanecia ancorado, Paulo aproveitou para convencer os tripulantes e passageiros a comerem antes de irem para a praia.¹¹³⁵ A tripulação estava há muito tempo sem comer (At 27.21). Lucas declara que havia 14 dias que eles não se alimentavam. Sem se nutrirem adequadamente, não estariam em condições para a tarefa extenuante de chegar à praia.¹¹³⁶

“Eu vos rogo que comais alguma coisa; porque disto depende a vossa segurança; pois nenhum de vós perderá nem mesmo um fio de cabelo” (At 27.34).

Paulo disse a tripulação e aos passageiros, “... Nenhum de vós perderá nem mesmo um fio de cabelo” (At 27.34). De forma proverbial ele estava dizendo que Deus preservaria a vida de todos (1Sm 14.45; 2Sm 14.11). Paulo repete as palavras proclamadas por Jesus em seu discurso sobre as últimas coisas (Lc 21.18).

“Tendo dito isto, tomando um pão, deu graças a Deus na presença de todos e, depois de o partir, começou a comer” (At 27.35).

Mas sabendo que a exortação por si só não seria suficiente para acabar com o desespero, Paulo fez o que para os crentes se tornou um ato sacramental. Como fez Jesus na alimentação da multidão (Lc 9.16), na Última Ceia (Lc 22.19), e novamente em Emaús (Lc 24.30), então, Paulo tomando o pão, deu graças a Deus na presença de todos e, depois de o partir, começou a comer.

“Todos cobraram ânimo e se puseram também a comer. Estávamos no navio duzentas e setenta e seis pessoas ao todo. Refeitos com a comida, aliviaram o navio, lançando o trigo ao mar” (At 27.36–38).

Todos os passageiros ouviram Paulo e foram encorajados por suas palavras. Neste ponto, Lucas fornece aos seus leitores o número de pessoas a bordo do navio – 276 passageiros (At 27.37). Ao se alimentarem, todos recobram o ânimo e resolveram jogar o restante do trigo no mar. Depois, os passageiros começaram a se preparar para abandonar o navio.

¹¹³⁵ KISTEMAKER, Simon. *Atos, volume 2*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 583.

¹¹³⁶ I. Howard Marshall. *Atos, introdução e comentário*. São Paulo: Editora Vida Nova, 1982, p. 384.

“Quando amanheceu, não reconheceram a terra, mas avistaram uma enseada, onde havia praia; então, consultaram entre si se não podiam encalhar ali o navio” (At 27.39).

O amanhecer trouxe consigo uma vista da terra, mas os tripulantes não tinham idéia alguma quanto à sua localização.¹¹³⁷ Era uma ilha, Malta, mas eles não reconheceram o lugar.

“Levantando as âncoras, deixaram-no ir ao mar, largando também as amarras do leme; e, alçando a vela de proa ao vento, dirigiram-se para a praia. Dando, porém, num lugar onde duas correntes se encontravam, encalharam ali o navio; a proa encravou-se e ficou imóvel, mas a popa se abria pela violência do mar” (At 27.40–41).

Em seguida, os marinheiros levantaram as âncoras, largando as amarras do leme, direcionando o navio para a praia (v. 40). Todavia, os esforços foram em vão; o navio encalhou, e as ondas começaram a destruir a popa. Só restava aos passageiros lançar-se ao mar e nadar para a terra.¹¹³⁸ Porém, o inesperado aconteceu, os soldados queriam matar os presos.

“O parecer dos soldados era que matassem os presos, para que nenhum deles, nadando, fugisse; mas o centurião, querendo salvar a Paulo, impediu-os de o fazer; e ordenou que os que soubessem nadar fossem os primeiros a lançar-se ao mar e alcançar a terra” (At 27.42–43).

Com medo de que os prisioneiros fugissem ao chegar à praia, os soldados estavam prontos para matá-los. Desta vez, os soldados, e não os marinheiros (cf. At 27.30), decidiram agir por conta própria. Os soldados estavam preocupados pois, se um prisioneiro escapasse, o soldado seria responsabilizado e passível de execução.¹¹³⁹ Mas o oficial romano queria salvar Paulo e não deixou que fizessem isso. Assim, Paulo e os prisioneiros foram salvos. Júlio libertou os prisioneiros e ordenou as pessoas a bordo que pudessem nadar os que soubessem nadar fossem os primeiros a se jogar na água e a nadar até a praia (v. 43).

“Quanto aos demais, que se salvassem, uns, em tábuas, e outros, em destroços do navio. E foi assim que todos se salvaram em terra” (At 27.44).

Os demais deveriam se agarrar em tábuas ou outros destroços capazes de flutuar. Imagine 276 pessoas mergulhando em ondas poderosas suficientes para destruir um enorme navio de carga e todos chegando seguros na praia. Mas foi

¹¹³⁷ I. Howard Marshall. *Atos, introdução e comentário*. São Paulo: Editora Vida Nova, 1982, p. 385.

¹¹³⁸ Wiersbe, W. W. (1996). *The Bible exposition commentary* (Vol. 1, p. 509). Wheaton, IL: Victor Books.

¹¹³⁹ Wiersbe, W. W. (1996). *The Bible exposition commentary* (Vol. 1, p. 509–510). Wheaton, IL: Victor Books.

exatamente isso o que aconteceu.¹¹⁴⁰ Como Paulo havia previsto, o navio foi perdido (At 27.22), encalhou em uma ilha (At 27.26) e ninguém morreu (At 27.22). Tudo aconteceu exatamente como Paulo havia declarado. Nem mesmo a tempestade que ameaçava a existência de Paulo foi incapaz de impedir os propósitos de Deus.

Conclusão:

Deus é fiel! A promessa de Deus feita ao apóstolo Paulo quando estava preso em Jerusalém estava prestes a se cumprir (At 23.11). Deus havia declarado que Paulo também pregaria em Roma, e como veremos, no último capítulo de Atos, nada foi capaz de impedir os planos de Deus. Apesar de todas as adversidades, apesar da prisão e do naufrágio, Deus preservou a vida de Paulo para que ele pudesse pregar o evangelho na capital do império.

Aos 27 anos, o artista holandês Rembrandt pintou a paisagem de “Cristo na Tempestade” no Mar da Galiléia. A pintura de Rembrandt mostra um barco ameaçado em uma tempestade furiosa. Enquanto os discípulos lutavam contra o vento e as ondas, Jesus permanecia sereno. Porém, o aspecto mais notável é a presença de um 13º discípulo no barco, que os especialistas em arte dizem assemelhar-se ao próprio Rembrandt.

Para cada pessoa que confia em Jesus Ele revela a Sua presença, compaixão e controle em qualquer tempestade da vida. A quem você teme: as tempestades ou o Senhor das tempestades? Quero encorajá-lo a olhar para Aquele que pode trazer calma ao mar agitado de sua vida.

¹¹⁴⁰ MACARTHUR, Jonh. *O livro sobre liderança*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2009, p. 56.